

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

### COMPONDO CIDADES: ENGAJAMENTOS POSSÍVEIS ENTRE EXPRESSÕES CULTURAIS E MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS

Igor Monteiro<sup>1</sup>  
Francisco Sá Barreto<sup>2</sup>  
Lara Denise Silva<sup>3</sup>

Os esforços por compreensão dos fenômenos urbanos detêm uma considerável história no âmbito das ciências sociais. Por suas complexidades, dinâmicas e contradições, as cidades apresentam-se – de forma recorrente – como espaços sociais desafiadores para diversas áreas do conhecimento, configurando, portanto, um campo de estudos – embora consolidado por um valioso conjunto de pesquisas, conceitos, teorias e métodos – ainda em aberto, em constante renovação, refratário às tentativas de delimitações rígidas e, igualmente, dialógico, constituído por possibilidades de concretas interlocuções entre variadas disciplinas.

Uma mirada mais delicada sobre o referido campo de estudos – que poderíamos definir como estudos urbanos” ou da “pesquisa urbana”, por exemplo, no sentido de assinalar seu necessário caráter interdisciplinar – indica a existência de abordagens temáticas e linhas de pensamento plurais, tais como: segregação social e urbana; morfologia urbana e dinâmicas sociais; territórios e identidades; corpo, espaço público e política; violência e segurança pública ou *marketing* urbano e espetacularização, para citar apenas algumas. No bojo destas abordagens, então, elas – as cidades – manifestam-se (em todas as suas tensões) como produtos

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (UFC), Professor Adjunto do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), vinculado aos cursos de Licenciatura em Sociologia e Bacharelado em Humanidades. Coordenador do Núcleo de Estudos das Performances Culturais e do Patrimônio Cultural Imaterial (PerformArte/UNILAB) e vice coordenador do Laboratório de Estudos da Oralidade (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3763-2442>. E-mail: [igor.monteiro@unilab.edu.br](mailto:igor.monteiro@unilab.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE, pesquisador do Grupo de Pesquisa Curupiras: Colonialidades e Outras Epistemologias, e-mail: [xicosabarreto@gmail.com](mailto:xicosabarreto@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), integra o Laboratório das Artes e das Juventudes (Lajus - UFC), professora da rede básica de ensino do Estado do Ceará. E-mail: [laradenisesilva@gmail.com](mailto:laradenisesilva@gmail.com).

de uma racionalidade instrumental, de exercícios de controle e da expansão/apropriação capitalista, bem como terreno de resistências, de lutas sociais e de reivindicações de direitos coletivos e difusos.

À constatação da cidade como “negação do mundo comum” (AGIER, p.174), destarte, se opõe a “descoberta” da cidade que dança, vibra, pulsa ao sabor das ações dos próprios cidadãos, a despeito – muitas vezes – do que se prescreve, permite e institui distanciadamente das situações ordinárias que conformam a vida urbana. E é, precisamente, nesse lugar de tensionamento entre a manutenção de projetos e discursos hegemônicos e a emergência de expressões inventivas de outras formas relacionais, no que concerne aos universos urbanos, que o presente dossiê se inscreve. Por *expressões inventivas*, é importante destacar, entendemos múltiplas vias de articulação entre experiências estéticas, artísticas ou culturais e conteúdos políticos que acenam para desejos de transformação das cidades em seus horizontes de intervenção.

Escusado dizer que tal inscrição reflexiva, ao centrar atenção especial nas agências dos sujeitos que habitam as cidades – em seus movimentos táticos, em suas astúcias (CERTEAU, 1996) –, implica esquivar-se de uma concepção de cidade estruturada por quaisquer noções de substância, essencialismo ou ontologia. Ao contrário, a compreensão do urbano que une os seis artigos do dossiê ora apresentado deriva, concretamente, de uma disposição investigativa – e também epistemológica – que toma o *relacional, o local e o micrológico* (AGIER, 2011, p. 37) como base, pensando a cidade não como entidade apriorística, mas como processo e, fundamentalmente, como *movimento*.

O “fazer-cidade” (2011), dínamo e fruto do *movimento*, constituído pelas práticas dos sujeitos ordinários que a habitam, portanto, configura a série de experiências empíricas trabalhadas pelos autores de cada artigo que compõem esta publicação. Um “fazer-cidade”, necessário frisar uma vez mais, que mobiliza corpos, sociabilidades, imagens e representações alimentadas por iniciativas culturais que não deixam de ser contornadas por um potente investimento político, culminando em uma experiência de *politicidade*<sup>4</sup> que toma a própria condição de vida precária dos sujeitos como matéria/tema de criação e, por conseguinte, de interpelação social.

Em diferentes modulações e formas de aparição, nos textos aqui contidos, a contundência crítica do engajamento entre estética/arte/cultura e política em distintas cidades

---

<sup>4</sup> A noção de politicidade (BERTELLI, 2017) deve ser lida fora da métrica-padrão das formas consagradas pela “institucionalidade política” presente no Estado, nos partidos ou sindicatos, e mesmo nos movimentos sociais. É, portanto, reivindicadora de uma outra legibilidade da política, construída e tornada visível pela ação de determinados grupos sociais por meio da linguagem, da sociabilidade, dos corpos.

se apresentará, sempre assinalando para uma cidade que se desdobra, que se reinventa e, por conseguinte, que resiste enquanto possibilidade, justamente, porque é sentida, incorporada e vivida pelos próprios cidadãos. Isso posto, cabe afirmar que a centralidade analítica das *situações* urbanas, que aqui tem lugar, não busca invalidar ou mesmo rivalizar com abordagens de cunho *macrossociológico*, e sim o oposto: o que se objetiva é contribuir conjuntamente, em diálogo com outras tradições, a partir da observação de modos de interação que produzem, (re)organizam e (re)classificam territórios e lugares.

Sob essa perspectiva, no artigo que abre este dossiê – de Izabella Medeiros e Francisco Sá Barreto –, intitulado “Uma reflexão sobre cidade, conflito e a ‘ocupação’ como léxico da agência política do Recife contemporâneo a partir do Movimento Ocupe Estelita”, a cultura política da cidade do Recife, cuja história moderna de urbanização é marcada por desapropriações e deslocamentos populacionais, é problematizada. Para tanto, os autores tomam o Movimento Ocupe Estelita (MOE) como evento paradigmático para refletir sobre questões como políticas de gestão da cidade e formas coletivas e difusas de resistência popular a projetos de intervenção urbana. De modo robusto, o texto também endereça questionamentos acerca de discursos baseados em noções de progresso/desenvolvimento e seus efeitos concretos sobre os territórios das cidades e os corpos de seus habitantes.

O segundo texto deste número – com a autoria de Igor Monteiro e Ricardo Nascimento –, segue em diálogo com os sentidos políticos das práticas de ocupação de espaços urbanos. Em “‘Pernadas nas ruas’: expressões da capoeira como forma de ocupação urbana”, no entanto, é a capoeira – enquanto manifestação cultural afrodiáspórica – que se apresenta como dinamismo de atribuição de sentido e de novas circularidades a espaços de precariedade, inscritos em regiões periféricas, das cidades de Fortaleza-CE e Lisboa, Portugal. A valência corporal dos capoeiras é entendida como expressão estético-política na medida em que sua presença constante nas referidas territorialidades precárias enseja novos usos, provocando – no limite – o Estado a reconhecer sua ausência nos bairros Serrinha e Padre Cruz, respectivamente, em termos, sobretudo, de políticas públicas de esporte, cultura e lazer.

Daniela Félix Martins, no artigo “Pensar e fazer cidades: composições performáticas e a emergência do espaço público”, por seu turno, apresenta a arte da performance como um agenciamento capaz de restituir a condição de multiplicidade e de engendramento de inter-relações nas cidades, participando “da emergência de um espaço público possível”. Podendo ser compreendida como prática de contestação e possibilidade de instauração de comunidades políticas, a arte da performance envolve uma experimentação da cidade que a toma como um processo de fabricação, como uma composição que se distancia do entendimento da mesma

como algo já dado. Tais reflexões são construídas, importante mencionar, a partir de pesquisa empírica junto ao grupo *Corpos Informáticos* e suas ações na cidade de Brasília.

O artigo “Riscar a cidade em gestos e rastros, caminhadas e imagens: escritas urbanas como um agir urbano de potência micropolítica”, de Alice Dote, também dá continuidade à exploração de performances como vias de composição das cidades. Contudo, de modo mais específico, as empirias de seu trabalho reflexivo são as “escritas urbanas” (pichações, estênceis e lambe-lambe) deixadas nas superfícies de Fortaleza/CE. Em seu texto, a autora partilha “caminhadas” no intuito de, ao encontrar com tais imagens, pensar maneiras de operação na cidade, posicionando-se entre o que a escrita urbana *faz* e *diz*, considerando o que se risca e o próprio gesto de riscar como um modo de perceber o urbano, uma invenção de táticas de existência, um agir com potência micropolítica no tecido citadino.

A temática do “agir urbano” (AGIER, 2011) como micropolítica que resiste às crueldades do *instituído*, igualmente, figura no artigo seguinte – “Modos de fazer cidades e resistências: aproximando rua, vila e bairro a partir de deambulações pedestres e reflexivas em Fortaleza e Juazeiro do Norte” –, cuja autoria é de Aline Maria Matos Rocha, Lara Denise Silva e Antonio Lucas Cordeiro Feitosa. São matérias privilegiadas no citado texto: as intervenções de palavras e frases em muros, paredes e outros suportes em um bairro particularmente simbólico para o campo da arte urbana na cidade de Fortaleza, as movimentações coletivas contra o processo de especulação imobiliária que objetiva remover a Vila Vicentina (conjunto de habitações populares) do “coração” de uma área nobre da capital Cearense e as manifestações culturais populares presentes no Bairro João Cabral, localizado em Juazeiro do Norte, também Ceará, enquanto ações de dotação/manutenção de sentido de vida. Aproximações e singularidades entre as duas cidades são tratadas pelos autores, indicando desafios e possíveis caminhos para refletir sobre movimentos particulares, bem como expressões de regularidades, no que tange às experiências urbanas contemporâneas em contextos aparentemente distintos.

Encerrando o presente dossiê, temos o artigo de Francisco Rômulo do Nascimento Silva e Geovani Jacó de Freitas, intitulado “Toda periferia é um centro”, que versa sobre os encontros-saraus realizados por poetas de periferia, também em Fortaleza, Ceará. Nesse texto, os autores destacam como a busca por emancipação e liberdade, mobilizada por expressões de identidade e rebeldia, configuram potentes posturas políticas – a despeito de aparente “fragmentação” de posicionamentos – que ocupam, circulam e produzem as próprias periferias, tornando-as centro (desestabilizando uma estéril dicotomia) para seus sujeitos. Notadamente, a figura do poeta, na perspectiva de sua identidade-relação, é também realçada no artigo em questão.

Movimentos coletivos difusos de resistências às políticas urbanas de remoção, rodas de capoeira e outras manifestações culturais populares, artes da performance, escritas urbanas e

encontros-saraus... Modos de compor cidades que as revelam não apenas sob os signos dos silenciamentos, das subalternizações e das segregações, mas – igual e necessariamente – como espaços vividos e significados por plurais movimentos cidadãos de interpelação, de questionamento, de desnaturalização da hegemonia da injustiça e da insensibilidade. Modulações múltiplas de um “agir urbano” animado nos engajamentos possíveis entre iniciativas culturais e investimentos políticos, entre desejos de mudança social e práticas artístico-políticas de intervenção espacial.

Por fim, enquanto organizadores, gostaríamos de partilhar que este dossiê é produto de alguns anos de fecunda e estimulante interlocução entre os autores e as autoras. As últimas edições dos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e, mais especificamente, as participações no “GT Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua”, coordenado por Cristina Patriota de Moura e Heitor Frúgoli Jr., e nos SPG’s “Pensar e fazer cidades: expressões estéticas e mobilizações políticas” (coordenado por Igor Monteiro Silva e Francisco Sá Barreto) e “Direito à cidade e reconfigurações da cidadania no Brasil” (coordenado por Giancarlo Marques Carraro Machado e Thiago Aparecido Trindade), oportunizaram valiosos espaços de discussão e trocas de experiências de pesquisa, viabilizando a composição dessa publicação.

Merece realce, ainda, o desdobramento de tais interlocuções a partir do GT “Ocupar a cidade: iniciativas culturais e mobilização política” (coordenado por Lara Denise Silva e Igor Monteiro Silva), que figurou entre as atividades do *VI Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: facções, crime e segurança pública* (promovido pelo Laboratório de Estudos da Violência – LEV/UFC), de outras experiências de organização e participação de/em encontros de caráter mais regional: como mesas e seminários que tiveram lugar, por exemplo, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Diante do exposto, resta-nos – apenas – desejar aos leitores e às leitoras uma boa leitura, uma deambulação prazerosa e, igualmente, crítica entre os fragmentos de cidade aqui representados, cidades dinâmicas, complexas e contraditórias, que se fazem, desfazem-se e se refazem no curso das agências cidadinas, cidade(s) – como já firmara Chico Science – que “não para[m]”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> “A cidade não para, a cidade só cresce”, trecho da música A cidade, de Chico Science.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BERTELLI, Giordano B. “Errâncias racionais: a periferia, o rap e a política”. IN: \_\_\_\_\_; FELTRAN, Gabriel. (Orgs.). Vozes à margem: periferias, estética e política. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.